

O País dos Nevoeiros:
O início de um projecto poético de Ângelo Brea

Joel R. Gômez

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

GÓMEZ, JOEL R. (2011 [2006]). “*O País dos Nevoeiros: O início de um projecto poético de Ângelo Brea*”. *Agália*: 85-86, 255-257. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/202>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

GÓMEZ, JOEL R. (2006). “*O País dos Nevoeiros: O início de um projecto poético de Ângelo Brea*”. *Agália*: 85-86, 255-257.

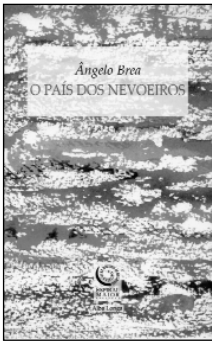
* Edición dispoñíbel desde o 25 de xaneiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

sa” (p.61). Provavelmente sugestionado por este trecho, encontrei também nos textos incluídos na segunda e terceira partes de *Não É Fácil Dizer Bem* (Tinta da China, 2006), as que conte-nhem as “obsessões” e as “outras ficções”, bastantes sintomas dessa admiração, a começar polo tipo de humor e o registo de língua, e acabando na exploração dos sintomas de anormalidade que o povo português pode chegar a manifestar, sem esquecer a atenção prestada à linguagem publicitária –nesse sentido o texto intitulado “Editoras e Publicidade” resulta mesmo brilhante por divertido.

João Pedro George é, pois, um caso atípico, um estudioso do funcionamento do campo literário, que graças ao seu trabalho no âmbito académico conhece muitos dos mecanismos que nom estão à vista, e a sua estratégia de utilização desses mecanismos em benefício próprio deu resultado. Conseguiu atingir um sucesso de vendas e umha notoriedade como crítico na imprensa, que ninguém até agora em Portugal conseguira da mesma maneira. Vamos agora ver se arranja umha estratégia para manter esses ganhos ou até, acrescê-los.

O PAÍS DOS NEVOEIROS: O INÍCIO DE UM PROJECTO POÉTICO DE ÂNGELO BREA

por Joel R. Gómez –Grupo Galabra (USC)



Com *O País dos Nevoeiros*⁽¹⁾ Ângelo Brea inicia um ambicioso projecto poético que, segundo anunciou, contará com três novos títulos. O autor é bem conhecido por trabalhos de crítica, investigação, edição e teatro. Na produção da poesia, dele apareceu *Livro do Caminho*, em 1989, e outros contributos, muito preferencial-

mente no âmbito das publicações das pessoas e associações que defendem, e levárom à prática de diferentes maneiras, a aderência da Galiza aos acordos ortográficos da lusofonia de 1986 e 1990, grupos de que foi sempre membro de destaque.

Este novo livro finaliza um labor iniciado há longa data. Porque Brea já publicara na “Coleção de Poesia 5+2=8& etc. Aos 4 Ventos”, de *Cadernos de Povo*, vinte composições com o mesmo título. Aquela primeira entrega, de 1994, com “Intróito” de João Padrão, tivera tiragem pequena e limitada, com páginas que levavam numeração da 245 à 270.

Depois de onze anos oferece o volume íntegro. Nos poemas agora apresentados entre o I e o XVI encontram-se grandes coincidências com outros do produto precedente, embora com modificações,

(1) Brea, Ângelo, (2005), *O país dos nevoeiros*, A Corunha, Espiral Maior (coleção Alba Longa, nº 11), 148 páginas.

sobretudo no terceiro, intitulado “Cidade”. Dos outros quatro trabalhos de aquele pequeno volume, merece salientar-se a diferença do dedicado a Alexandre, o seu filho: na primeira ocasião, numerado como XIX, estava redigido num instante em que ainda nom nascera; agora, quando criança crescida, em situação vital e pessoal muito diferente, muda por completo e escreve novo texto, numerado como XXVIII, em que descreve e explicita as novas sensaçõs. Na primeira dessas composições Brea salienta-va (1994:268):

sonhamos em dar-te das nossas quimeras
as belas palavras que inflamam os peitos
o eco solidário que tem a certeza
desta vida nossa, em que cada instante
parece aguardar o acordar da terra

e finalizava com este anelo:

Um dia alçarás a tua voz ao vento
e o que nós não fomos, o que ninguém fora,
talvez possas sê-lo, defensor dos homens,
para dar sentido às próprias respostas.

A sua posição difere na nova redacção, onde significativamente se encontra o título do livro num dos versos. Insiste na esperança que representa esse filho, mas frisa outras conclusõs fruto das novas experiências (2005:46):

Porque tu és a esperança no negrume da
noite,
boa nova sem fim ou um vento que alastra
no país dos nevoeiros, onde o sol descansa.
Saberás da incerteza de não termos história
olhando para as mãos calhadas dos avós,
para os rostos feridos pelas marcas do tempo.
E um dia, talvez, ao cruzares a terra,
sonharás com a hora da nossa liberdade

Para finalizar também com dous versos em que verificamos aquela certeza transformada:

Porque tu és a esperança no negrume da
noite
e os teus olhos parecem sulcados de
sol-pores.

A persistência das primeiras composições e a mudança das últimas, muito em especial desta dedicada ao filho, visam talvez indicar-nos que nos encontramos perante um autor que procura a coerência, mas que nom oculta a evoluçom, consequência da passagem dos anos; antes polo contrário, quer bem evidenciá-la.

O poemário agora publicado inclui 91 trabalhos⁽²⁾ e vai precedido de um “Prelúdio” (pp. 9-14) de António Gil Hernández, quem também elaborou um “Glossário” (pp. 131-139) final, para esclarecer aos nom iniciados lugares geográficos (ruas de Compostela, rios, montes...), nomes mitológicos, símbolos, monumentos, mesmo a biografia de Jenaro Marinas del Valle, a quem se dedica um “Pranto” (numerado como LXIV, pp. 94-95).

Na leitura encontramos umha poesia muito trabalhada por quem é bom conhecedor da tradição clássica, presente em textos que evocam Horácio ou em composições que actualizam a sextina ou o hexâmetro, ponhamos por caso, mas nom só; e que tenta demonstrá-lo ao assumir a elaboração segundo esses modelos bem conhecidos, que adapta e procura renovar. Os cânones greco-latinos, e os das líricas medievais galego-portuguesa e provençal, transparecem em versos onde a medida, a rima, o ritmo, e a ansia de

(2) Umha cifra que coincide com as 91 composições de *Queixumes dos Pinheiros* segundo a versom que Brea preparou no ano 1996 desse poemário de Pondal. Este vulto da poesia galega do XIX paira de diferentes maneiras em muitas das páginas de *O país dos nevoeiros*.

perfeiçom formal som constante aspiraçom. Na leitura deparamos com a cultura da Irlanda em diferentes ocasioms. E com muitas geografias da Galiza: a insistente Compostela (o Pórtico da Glória, a Quintana, o Pedroso, a cidade em diferentes instantes, o Sarela e o Tambre...), os Ancares, a Costa da Morte (Finisterra, Monte Pindo...), ou outros lugares do litoral galego como Baronha.

Todo é intencional, programado, com plena consciência, para buscar a singularizaçom no panorama da poesia galega ao completar um poemário que, com certeza, se diferencia muito dos produtores coevos. Ângelo Brea dialoga com tradiçoms de relevo da poesia da Galiza, reitera as amostras de telurismo e combina umha ampla visom do que é a produçom literária, e umha alargada temática em que se encontram desde a expressom mais íntima à reivindicaçom de teor social. Também aparecem ambivalências,

mesmo no próprio título: porque o nevoeiro pode ser um elemento que cubra a paisagem, que se associe a obscuridade; mas também que deixe lugar ao dia, que preceda a claridade.

O volume faz o número 11 de umha colecçom inaugurada por Manuel Maria. Nela figuram outros nomes bem conhecidos da campo literário galego (e nom só). *O País dos Nevoeiros* inova, ao ser o primeiro título que quebra o Galego-Castelhano.

Encontramo-nos, portanto, perante um livro recomendável, cuja leitura depara instantes gratos e surpreendentes, onde se faz muito presente o generoso trabalho de composiçom e a ambiçom por conseguir um produto bem acabado, elaborado com procura de rigor, acerto e originalidade.

Compostela, Junho de 2006

A SINGRADURA DO CAPINADOR, DE LUÍS SERGUILHA

por Carlos Quiroga



Há um ser humano de nome Filipe Araújo (Vila Nova de Famalicão, 1966),

que nas últimas eleições autárquicas foi candidato do Bloco de Esquerda à Câmara de Famalicão, que trabalha no campo da Educação Física e do seu ensino, e que foi especializando-se em ginástica de academias. E há um Luís Serguilha, pseudónimo literário da mesma pessoa, que publicou vários livros (*O Périplo do Cacho*; *O Outro*; *Entre Nós*, narrativa, 2000; *Lorosa'e - Boca de Sândalo*, 2001; *O Externo Tatuado da Visão*, 2002; *O murmúrio livre do pássaro*, 2003; *Embarcações*, 2004), que já pode exhibir certa carreira literária (prémio no Concurso Literário Júlio Brandão de